



A ESCOLA FORA DA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DE UM ATELÊ INDEPENDENTE PARA A PROMOÇÃO DO ENSINO DE ARTES VISUAIS

SCHOOL OUTSIDE SCHOOL: CONTRIBUTIONS OF AN INDEPENDENT ATELIE TO PROMOTE VISUAL ARTS TEACHING

Carlos Dornelles Lopes Monte¹
PROFArtes/UFC
Wendel Alves de Medeiros²
PROFArtes/UFC

RESUMO

Esse trabalho é uma pesquisa em Artes Visuais, que tem como objetivo refletir como as visitas realizadas pelos estudantes ao meu ateliê, localizado em uma cidade do interior do estado do Ceará, que disponibiliza visitas e práticas de oficinas para discentes de escolas públicas e privadas do município, podem contribuir para promoção do ensino/aprendizagem de artes visuais no âmbito da educação informal. Teve como instrumento de produção de dados, as entrevistas semiestruturadas e como método de interpretação, a análise de conteúdo. Como resultado, visitar um espaço cultural da cidade, foi a maior experiência vivenciada pelos alunos, segundo o relato dos professores. Desta forma, destacamos a importância e a necessidade da expansão de espaços culturais não formais nas cidades do interior para uma melhor difusão do ensino de artes visuais.

PALAVRAS-CHAVE

Educação informal. Ensino de Artes Visuais. Ateliê.

ABSTRACT

This work is a research in Visual Arts, which aims to reflect how visits made by students to my studio, located in a city in the interior of the state of Ceará, which provides visits and workshop practices for students from public and private schools in the state of Ceará. municipality, can contribute to promoting the teaching/learning of visual arts within the scope of informal education. The data production instrument was semi-structured interviews and the interpretation method was content analysis. As a result, visiting a cultural space in the city was the greatest experience experienced by the students, according to the teachers' reports. In this way, we highlight the importance and need to expand non-formal cultural spaces in interior cities, for a better dissemination of visual arts teaching.

¹ Mestrando em Artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Especialista em Metodologia do Ensino de Artes pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduação em Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVE). Professor efetivo de Arte da SEDUC-CE. Professor efetivo de Arte da Prefeitura Municipal de Varjota – CE. Email: artedornelles@gmail.com. Lattes ID: https://www.cnpq.br/cvlattesweb/pkg_impvcv.trata. Varjota, Brasil.

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduação em Artes Plásticas pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Professor do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e Mestrado Profissional em Artes (IFCE) e do Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES/UFC). E-mail: wendel.medeiros@ifce.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3422-6377>. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/6267332553823146>. Fortaleza, Brasil.



KEYWORDS

Informal education. Teaching Visual Arts. Studio.

Introdução

As artes visuais estão presentes em diferentes localidades e as possibilidades que, a partir de cada lugar, criam momentos formativos é o convite que fazemos a você, leitor. Esse trabalho lança um olhar acerca da importância dos espaços educativos não formais nas cidades do interior para a promoção do ensino de artes visuais. Para isso, trago a experiência vivenciada por mim e pelos atelieristas do meu ateliê independente, localizado em Varjota, cidade de pouco mais de 20 mil habitantes, situada na região norte do interior do estado do Ceará, que disponibiliza visitas e práticas de oficinas para estudantes de escolas públicas e privadas do município. Trazemos como objetivo refletir como as visitas realizadas pelos estudantes a um ateliê independente podem contribuir para promoção do ensino/aprendizagem das artes visuais no âmbito da educação informal em uma cidade do interior do Estado.

Metodologia

É uma pesquisa em artes visuais de abordagem qualitativa, pois traz como pressuposto que os ateliês têm uma potência geradora de experiências em Arte e pode propiciar um terreno fértil para a produção de conhecimento no Ensino de Artes Visuais, que conforme Pimentel (2015):

Toda ação praticada numa experiência modifica quem a pratica e quem a sofre. A pesquisa em Arte pode desarticular identidades estáveis do passado, mas também pode abrir a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos. Permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo pesquisada. É construída ao mesmo tempo em que se desenvolve. É (re)pensada ao mesmo tempo em que é elaborada. (Pimentel, 2015, p. 97).

De acordo com Pimentel (2015), assim como a ação de construir conhecimento, pesquisar pressupõe uma vontade clara e determinada por parte do sujeito, com vistas a elucidar algo ou buscar solução para determinado problema. Nesse contexto, a autora afirma que é possível considerar o processo artístico como metodologia de



pesquisa, tanto para pesquisa em Arte quanto para pesquisa sobre Arte. Na pesquisa em Arte, a ação em que o pesquisador está atuando é o seu próprio objeto de estudo.

Para a produção dos dados houve a criação de um relato escrito, a partir das memórias das experiências vivenciadas por mim enquanto artista/diretor/curador do ateliê e um questionário com perguntas de respostas abertas para os três atelieristas que aqui chamaremos de atelierista 1, atelierista 2 e atelierista 3, além das vinte professoras que participaram da visitação.

Usamos como método de interpretação dos dados a análise de conteúdo que segundo Bardin (2016) é organizada em três etapas: 1. Leitura geral do material; 2. Decomposição, análise, categorização e descrição do material; 3. Realização de inferências a partir das descrições realizadas anteriormente e a interpretação dos resultados alcançados na investigação com ajuda da fundamentação teórica que será utilizada.

Discussão Teórica

Os dados foram interpretados e organizados nas seguintes temáticas: educação não formal, abordagem triangular no ensino de Artes Visuais, experiência estética e mediação cultural. Para fundamentar a temática da educação formal trouxemos Simson e Park (2001); Ana Mae Barbosa (2014) trouxe contribuições acerca da abordagem triangular no ensino de Artes Visuais e Mirian Celeste (2012) sobre mediação cultural.

Infelizmente, a grande concentração de equipamentos culturais públicos ou privados ainda se encontra em sua maioria nas capitais e nas grandes cidades. As cidades do interior do estado, muitas vezes, somente encontram no espaço da escola a condição de uma formação em artes visuais através do componente disciplinar de Arte e na realização de projetos culturais esporádicos.

De acordo com o documento Perfil dos Municípios Brasileiros do IBGE (2022), o Estado do Ceará é o 4º (quarto) estado que realizou maiores investimentos na cultura em 2022, com 7,4% de aplicação proporcional às receitas. Apesar de já existir centros



culturais no interior, como a Casa de Cego Aderaldo em Quixadá – CE e Vila da Música no Crato – CE, percebemos que os equipamentos culturais ainda estão centrados na capital e em cidades do interior com maior quantidade de habitantes.

De acordo com o documento do Sistema de Informações e Indicadores Culturais do IBGE (2022), 70,4% dos municípios brasileiros ainda não possuem nenhum equipamento de Museu e 94,1% ainda não contam com galerias de artes. Na maioria das cidades do interior, o único equipamento cultural disponível para atividades culturais são as bibliotecas, que, em muitos casos, restringem suas atividades somente para criação de espaços para leitura.

Isso exposto, o acesso ao ensino de artes visuais fica centrando apenas na educação formal, como a escola, que, muitas vezes, não possui professores licenciados em Artes Visuais, além da carga horária do componente curricular Arte ser restrita a uma hora semanal, geralmente não há espaço e materiais suficientes para o desenvolvimento de um ensino que possibilite a produção de conhecimento, a criatividade, a expressão e a criticidade dos alunos.

A escola é a instituição principal na formação dos educandos oferecendo o acesso a uma diversidade de conhecimentos, porém, entendemos que a educação vai além dos espaços convencionais, pois em espaços informais os indivíduos também adquirem conhecimentos, a partir das suas próprias experiências, nas relações sociais e em instituições educadoras não formais.

Os espaços de educação não formais, segundo Simson e Park (2001), deverão ser desenvolvidos seguindo alguns princípios como: apresentar caráter voluntário; proporcionar elementos para a socialização e solidariedade; visar o desenvolvimento social; favorecer a participação coletiva, proporcionar a investigação, sobretudo a participação dos membros do grupo de forma descentralizada.

Nesses espaços, os profissionais, como curadores e atelieristas, podem desenvolver um trabalho de grande valor estético através da apreciação e das produções pictóricas. Celeste (2012), ao apresentar que o objetivo maior de uma nutrição estética é provocar leituras que possam desencadear um aprendizado de arte ampliando as redes de significações do fruidor.



A Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa (2014) trouxe contribuições para o ensino de artes visuais tanto nos espaços formais como nos espaços informais de educação. Rocha (2020, p.323) comenta que esta abordagem traz orientações mais consistentes para práticas pedagógicas no ensino de Arte, fortalecendo-o como uma área específica do saber humano, pois “a tríade fazer, fruir e refletir desenvolve possibilidades para a efetivação do conhecimento artístico, pensamento crítico e reflexivo do estudante.”

Os alunos, ao participarem da visita ao ateliê, desenvolvem um maior senso crítico em relação ao contexto que as imagens apresentadas estão inseridas. Despertam a curiosidade em se aprofundar nas narrativas apresentadas, como, também, o desejo de realizar com mais frequência a própria prática da pintura compartilhando suas próprias narrativas.

Uma triangulação cognoscente que impulse a percepção da nossa cultura, da cultura do outro e relativize as normas e valores da cultura de cada um, teríamos que considerar o fazer, a leitura das obras de arte ou do campo de sentido da arte e a contextualização, quer seja histórica, cultural, social etc. (Barbosa, 2014, p.32)

Barbosa (2014) nos apresenta a importância de uma boa contextualização, trazendo as obras para o universo histórico, cultural e social do aluno, enriquecendo assim seu repertório e levando-o a conhecer melhor o território no qual está inserido.

O ateliê CD surgiu durante a pandemia da COVID-19, primeiramente com o objetivo de ser um espaço dedicado às minhas produções de pintura, bem como armazená-las de forma adequada. Aos poucos o espaço foi sendo ampliado com uma grande variedade de pinturas e em 2023 passou a receber visitas escolares pelo desejo de muitos professores levarem seus alunos para conhecer o local.



Resultados e Discussões



Imagem 1. Sala do ateliê imagético, 2024, 10cm X 8cm.

Como se vê na imagem 1 acima, um espaço destinado a produção artística, possibilita uma maior interação e estímulo para as crianças produzirem seus trabalhos de artes visuais. Os resultados e discussões estão divididos em três etapas. Na primeira etapa apresentamos a leitura geral do material que foi proporcionado aos alunos. Durante o mês de fevereiro de 2024 o ateliê realizou a montagem de uma exposição de 27 pinturas e fez uma montagem de um ateliê prático, tendo como referência o ateliê *cloliê* do educador alemão Arno Stern. O *cloliê* é o local onde se pratica o *jogo de pintar*, espaço de livre expressão e criação artística para crianças e adultos, estimulando a capacidade criativa, a autoconfiança e a capacidade de iniciativa, autonomia e liberdade. De acordo com Soraia Lucarto, pesquisadora da técnica do jogo de pintar e do ateliê *cloliê* no Brasil:

Tudo nesse local é pensado e organizado para atender às necessidades mais urgentes do ser que pinta, a começar pela peça mais importante, a mesa-paleta, um aparato que suporta godês com tinta guache, seus copos de água correspondentes e suporte para pincéis. As folhas de papel foram pensadas para acomodar as diversas camadas de tinta sem perder sua forma, e com a gramatura certa, não tão fina nem tão grossa, era possível fazer a pintura da melhor maneira para quem pinta. (Lucarto, 2020, p. 9).



De acordo com Lucarto (2020), o ateliê *cloliê* é um espaço propício para o afloramento da imaginação e criatividade das crianças. As narrativas das minhas pinturas expostas retratam as lendas da cidade de Varjota/CE, personagens e festas populares, como também paisagens e atividades econômicas.

Após a montagem da exposição e da sala do ateliê, onde foi atribuído o nome de Ateliê Imagético, a equipe que é composta de um diretor/curador e três atelieristas, iniciaram a divulgação das visitas para as escolas da cidade. O diretor/curador explicou que a escolha do mês de fevereiro para a realização das atividades foi estratégica, pois é o mês das festividades em comemoração a emancipação política da cidade. Durante o mês a Secretaria de Cultura da cidade lança uma temática ligada à história e a cultura do município, onde as escolas se dedicam a realizar atividades artísticas a partir da temática proposta.

Observa-se que a promoção de momentos promovidos pela escola e estimulados pelo poder público para que os estudantes criem, fruam e contextualizem arte na escola, são sazonais, ou seja, somente em momentos festivos as escolas se organizam e lançam os olhares para o fazer e fruir arte de maneiras diferentes. São nessas datas pontuais que as gestões escolares e muitos professores criam novos espaços para o ensinar e o aprender artes visuais.

A proposta do ateliê era receber estudantes na faixa etária de 06 a 14 anos, por esse motivo divulguei a abertura das inscrições para sua visita nos meios de comunicação da cidade. O ateliê recebeu 34 propostas de visitas de 8 escolas públicas do município. Antes de iniciarem as visitas, os atelieristas tiveram uma formação, tendo como base de estudo a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa e as formas de mediação cultural de Mirian Celeste.

As visitas ao ateliê eram realizadas com grupos de até 25 alunos, onde dois atelieristas realizavam a mediação. Os discentes eram recepcionados e convidados a andar pelo espaço no primeiro momento. No segundo momento os alunos partiam para conhecer as obras de pinturas expostas no ateliê. No terceiro momento, os alunos eram convidados a entrar na sala do ateliê prático, sendo perceptível o vislumbre e impacto neles causado por conhecer a estrutura de espaço própria para



o acontecimento da arte, toda revestida com papelão, tendo uma mesa paleta ao centro com pincéis e tintas das mais variadas cores. Nesse momento os atelieristas convidaram os alunos a criarem seus desenhos, partindo da experimentação, imaginação e potencialização da criatividade. Após a ação educativa os alunos apresentavam suas narrativas criadas.

Durante esse momento o que mais chamava atenção dos atelieristas e professores era a alegria, a cooperação e o desejo de pintar das crianças. Ficavam pensando no que pintar e bastante felizes em poder usar uma variação de cores de tintas. Abaixo segue um relato do atelierista 1 sobre sua experiência depois de participar da atividade.

Trabalhar em um ateliê de pintura com crianças é uma experiência cheia de energia e alegria. A cada dia, testemunho a capacidade incrível que as crianças têm de expressar sua criatividade de maneira genuína e sem limites. No ateliê, posso proporcionar às crianças um espaço seguro e acolhedor para explorar as artes visuais. Ver a empolgação nos olhos delas ao misturar cores, experimentar diferentes técnicas e criar obras únicas é verdadeiramente inspirador. Além disso, trabalhar com crianças no ateliê me desafia a pensar de forma mais criativa e adaptável, buscando maneiras de ensinar e encorajar cada criança de acordo com suas habilidades e interesses individuais. Cada dia foi uma aventura no ateliê, e saía do trabalho com o coração cheio de gratidão por poder testemunhar o poder transformador da arte na vida das crianças. (Entrevista do atelierista 1, 2024).

Os alunos deixavam seus desenhos no Ateliê Imagético e voltavam para o ônibus escolar expressando que não queriam ir embora, pois gostaram muito da experiência. Durante a visita que durava cerca de 01h30min, os discentes conheciam diversas narrativas sobre a história da cidade, que eram presentes nas pinturas, tinham uma experiência de pintar, usando uma variedade de cores em um espaço propício a própria criatividade e, o mais enriquecedor, participarem de uma aula de artes visuais em um espaço diferente, onde tudo é motivado pela curiosidade e atenção, até mesmo o caminhar dentro do ônibus pelas ruas da cidade. Vale ressaltar que todos esses momentos estão conectados com a abordagem triangular, sendo prioritária a execução da contextualização, fruição e produção, não necessariamente nessa ordem.



Imagem 2. Sala de exposição do ateliê CD, 2024, 10cm X 8cm.

Na imagem 2 é possível perceber a atenção e a curiosidade das crianças ao observar as obras expostas. Essa maneira de se utilizar a prática no espaço de educação não formal é bastante enriquecedora para os alunos e o público em geral. Assim, as oficinas que são propostas visam um interesse coletivo, que, no caso do ateliê, foi passar um sentimento de pertencimento a história e a cultura da cidade, como também, quebrar o paradigma de que apenas algumas crianças sabem desenhar e pintar passando a se apropriar da frase de Pablo Picasso, (1881-1973) que nos diz: “Tudo que você pode imaginar é real”.

Por se utilizar da prática como princípio, as oficinas envolvem os alunos em uma atmosfera coletiva visando alcançar a proposta estabelecida pelo equipamento cultural.

Oficinas são espaços organizados por um grupo social, onde são direcionadas propostas ligadas ao fazer, a aplicabilidade de determinadas atividades que possibilitem o ato de aprender, não somente aquilo que é ensinado, como também o que o meio lhe possibilita, levando em consideração o espaço, materiais, memória, enfim, aquilo que esteja sendo vivenciado e efetuado no momento dessas vivências. (Silva, 2007, p. 19).



Para Silva (2007), oficinas são espaços de grandes vivências para os alunos. Na segunda etapa apresentamos a decomposição, análise, categorização e descrição do material. Após as visitas realizamos uma entrevista com 20 professores que acompanharam os alunos para coletarmos informações sobre as suas experiências e as experiências dos alunos.

Ao serem questionados sobre como eles avaliam a experiência de ter conhecido o ateliê, 84,6% afirmam que foi excelente, 7,7% consideram ótimo e 7,7% consideram bom. Ao serem questionados sobre qual experiência foi mais significativa para os alunos, 46,2% dos professores afirmam que o fato de ter visitado um espaço cultural da cidade foi a maior experiência que os alunos tiveram, 30,8% consideram que ter conhecido narrativas sobre a história da cidade, a partir da leitura das obras, foi a experiência mais significativa para os alunos e 23,1% afirmam que a atividade prática de pintura no ateliê imagético foi a experiência mais satisfatória para os alunos.

Ao serem questionados sobre quais outros tipos de atividades os professores gostariam que o ateliê oferecesse, 69,2% afirmam que atividades práticas de desenho, pintura e colagem são as que as crianças mais gostariam de participar. Ao serem questionados sobre qual a contribuição mais transformadora que a visita ao espaço cultural do ateliê pode ter desenvolvido nas crianças, 53,8% definem que conhecer outros espaços destinados ao ensino de arte é por si uma das maiores experiências para os alunos.

A seguir segue alguns depoimentos dos Professores após a realização da visita:

“Eu ouvi de uma criança que ela foi passear e ainda fez e participou de coisas diferentes”. (Entrevista do Professor 1, 2024).

“Que fizeram misturas de várias cores, fizeram desenhos com tintas e ouviram sobre a história da cidade”. (Entrevista do Professor 2, 2024).

“Os alunos falaram que gostariam de fazer mais vezes a visita ao ateliê”. (Entrevista do Professor 3, 2024).



A terceira etapa é constituída da realização de inferências a partir das descrições realizadas anteriormente e a interpretação dos resultados alcançados na investigação com ajuda da fundamentação teórica.

Ao utilizar a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa no processo de visita ao ateliê, percebemos que tanto a leitura, como a produção e a contextualização foram fundamentais para o crescimento artístico e cultural dos discentes. Os alunos saíram com um maior repertório cultural a respeito da história da cidade de Varjota, como também incentivados a praticarem atividades artísticas de pintura.

Foi fundamental perceber a importância que os professores dão às visitas realizadas nos espaços culturais da cidade. Apesar desses espaços ainda serem mínimos nas cidades do interior toda vivência em arte realizada fora do espaço escolar tende a aguçar a curiosidade dos alunos e, assim, serem estimulados a experimentar o próprio fazer artístico.

Considerações finais

Concluimos que os espaços culturais são fundamentais para a promoção do ensino de artes visuais. Aos poucos as novas leis de incentivo à cultura, os editais e o terceiro setor vão abrindo oportunidades de apoio e financiamento desses espaços independentes, que, em muito, colaboram para a promoção e fruição do ensino de artes visuais. Esses espaços se tornam grandes parceiros das escolas na missão de educar através da arte. Percebemos através desta pesquisa que a prática artística é um dos fatores mais importante para as crianças e professores, mas quando essa prática é realizada em um espaço totalmente dedicado as artes, ela se torna ainda mais especial. Desta forma, confirmamos a importância dos espaços culturais nas cidades do interior, que proporcionam experiências estéticas inesquecíveis para os alunos.

No campo educacional a educação formal, a educação não formal e a educação informal podem acontecer de forma separada no ensino de artes visuais, porém os saberes aprendidos na escola, no ateliê e na apreciação de um graffiti na rua se ligam e criam uma conexão única para formar um aluno/cidadão crítico, reflexivo e criativo.



Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos Municípios Brasileiros**: 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101985.pdf>. Acesso em: 03 maio 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2011-2022**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102053_informativo.pdf. Acesso em: 03 maio 2024.

LUCATO, Soraia. **Introdução aos estudos de Arno Stern e outras teorias sobre o desenho espontâneo**. Rio de Janeiro. 2020.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012. 162 p.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Processos artísticos como metodologia de pesquisa**. Uberlândia, 2015.

REVISTA MUSEU. **Revista Museu, cultura levada a sério**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://revistamuseu.com.br>. Acesso em: 03 maio 2024.

ROCHA, Mirian Soares. **Experiências de intervenções artísticas no ensino médio: Uma proposta pedagógica para o ensino de artes visuais**. 2020, 335f. Dissertação (mestrado em artes) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Fortaleza, 2020. Disponível em: biblioteca.ifce.edu.br/index.asp?codigo_sophia=88427&midiaext=4817. Acesso em: 01 maio 2024.

SILVA, Carla Regina. Oficinas. In: PARK; FERNANDES; CARNICEL (Org.). **Palavras-chave em Educação não-formal**. Holambra: Setembro; Campinas/CMU, 2007.

SIMSOM, Olga Rodrigues de Moraes von .; PARK, Margareth Brandini ; FERNANDES, Renata. Sieiro. **Educação não-formal: Cenários da Criação**, (Orgs). Campinas: Unicamp, 2001.